



# Marantz SA7001

Desde o aparecimento do digital no áudio, já lá vão mais de 20 anos, muita tinta correu sobre as suas características sonoras, tendo-se assistido muitas vezes ao infundável confronto de opiniões entre, por um lado, os seus adeptos, naturalmente a favor e, por outro, os seus detratores, que lhe apontavam insuficiência de informação registada no suporte, naturalmente, tomando como referência as necessidades da reprodução fiel de sons produzidos por instrumentos musicais, no que quer que isso signifique em termos de timbre, dinâmica, marca das emoções emprestadas pelos intérpretes na execução instrumental, ambiência das gravações, etc.

A velha discussão comparativa entre digital e analógico foi, porém, perdendo força à medida que o digital ia ganhando não apenas adeptos, mesmo entre os mais empedernidos defensores do analógico, mas sobretudo quando a qualidade do som obtido a partir daquele que foi durante muito tempo o único formato de áudio digital – o CD – começou a mostrar que podia superar aquilo que muitos teriam admitido inicialmente, aquando do seu aparecimento.

Entretanto, a par dos progressos feitos nas técnicas, não apenas ao nível da recriação do sinal contido nos discos, mas – tão importante como isso – na origem do processo – as grava-

ções –, digital e analógico foram remetidos a uma coexistência pacífica. Muitos dos defensores intransigentes do analógico, incluindo construtores de equipamentos, converteram-se, rendendo-se à evidência das regras de mercado, porque nestas coisas do consumo ainda é o povo quem mais ordena. E o CD tornou-se assim o formato quase ubiquamente encontrado em casa de qualquer apreciador de música, seja ele um audiófilo dado a exoterismos a que poucos têm acesso ou, no outro extremo, o mais humilde admirador das capacidades canoras de um qualquer cantor pimba.

Exactamente por isso, o CD tornou-se universal e o aparecimento de novos formatos com maior definição apenas contribuiu para dar razão àqueles que sempre defenderam que tanto a frequência de amostragem como a

codificação binária usadas no CD pecavam por defeito. Mas nem o HDCD, nem o Super Audio CD, nem o DVD-Audio (este em duas versões, com frequências de amostragem de 96 e 192 kHz) conseguiram impor a sua qualidade ao mercado a ponto de este reconhecer que a diferença na qualidade sonora valia o esforço financeiro da substituição. Se antes foi uma troca (do analógico pelo digital) de um formato por outro radicalmente diferente em todos os aspectos, que são conhecidos, parece agora aos consumidores (falo da maioria, naturalmente) apenas uma escolha que nada traz de acrescentado ao já existente.

Num momento em que já existem formatos de imagem (os de alta definição) que fazem uso de áudio associado com uma codificação que ultrapassa de longe a definição do forma-



to específica e comumente utilizado para reprodução de música (o CD), creio que chegámos ao ponto de contradição do qual só podemos sair quando a indústria criar, como já defendeu o Director da *Audio* num editorial, um formato de alta definição destinado exclusivamente à reprodução musical. Se me permitem uma sugestão, para que não pareça ao público, mais uma vez, a troca de um formato por outro que pouco ou nada traz de novo, sugiro que se pense na possibilidade de usar memórias fixas em vez dos tradicionais discos, que apresentam os problemas mecânicos de leitura que conhecemos. E isso já é possível actualmente – a Sony e a SanDisk acabam de lançar em conjunto um cartão de memória com capacidade para 16 GB, valor que representa uma informação cerca de 23 vezes mais elevada que o máximo permitido num CD e é quase o mesmo de um disco Blu-Ray ou HD-DVD.

A sugestão fica e, até que se concretize algo de novo, vamos sonhando e



assentando os pés na terra, para tentar reconhecer aquilo que se vai fazendo em termos de propostas das marcas no que «toca» à reprodução de som, falando sempre em termos de fontes, naturalmente.

Desta vez, as nossas atenções viram-se para o leitor de Super Audio CD Marantz SA7001, o modelo de base de uma gama constituída por cinco propostas, oferecidas por este conhecido construtor, famoso muito especialmente, nos tempos mais recentes, pela qualidade sonora das suas fontes digitais.

### SA7001

Aqui convém dizer que o facto de se tratar de um leitor de Super Audio CD não significa, naturalmente, que

o modelo, como aliás todos os seus equivalentes de qualquer marca, não leia também CD's.

O SA7001, tal como os outros leitores de Super Audio CD da Marantz, utiliza o DAC CS4397 da Cirrus Logic, a que o construtor chama «super DAC». Trata-se de um conversor DA de 24 bit e que funciona em várias frequências de amostragem, até ao



valor máximo de 192 kHz. Inclui um filtro digital de interpolação, seguido de um modulador Delta-Sigma, por sua vez seguido de um circuito lógico denominado *dynamic-element-matching* (DEM) de segunda ordem. Diz a Cirrus Logic que este circuito garante baixos valores de ruído e de distorção a todos os níveis de sinal. O CS4397 suporta PCM e DSD, assim como filtros de interpolação externos. No entanto, no 7001 apenas a conversão pelo método DSD está disponível, guardando a Marantz a possibilidade de o melómano/audiófilo escolher entre ambos os métodos de conversão apenas nos modelos mais caros, os quais também fazem uso do CS4397.



Por fora, este Marantz apresenta as funções básicas, reservando as mais complexas para o comando à distância, como é hábito. Chamo a atenção de duas características que não são comuns, e que são a existência de uma entrada para auscultadores, com volume regulável, e a possibilidade de optar por três níveis de intensidade do visor – um deles desliga totalmen-



te a capacidade de mostrar a informação. Interessante para quem gosta de se concentrar na música sem ruídos luminosos de qualquer espécie.

A face traseira do 7001 é simples, apresentando duas saídas digitais, uma Toslink, óptica, e a outra SPDIF, coaxial. Naturalmente, a saída digital apenas funciona para a versão CD, sendo desligada quando se trata de leitura de Super Audio CD's.

Para além das saídas digitais, existe uma saída analógica simples, por fichas RCA. Duas fichas deste mesmo tipo, adicionais, destinam-se à ligação de um controlo remoto. Saliento também a existência de uma ficha IEC fêmea, para ligação de um cabo de alimentação ao corpo do Marantz. Apesar de vir acompanhado com um cabo de corrente, é possível, deste modo, utilizar um outro cabo, mais eficaz do ponto de vista de eliminação dos ruídos parasitas que infestam a corrente eléctrica de que usualmente dispomos a partir do sector. É possível, também, com um cabo de corrente de boa qualidade, isolar os seus condutores dos campos magnéticos que rodeiam qualquer sistema.

### Audições

O Marantz foi ligado ao meu sistema habitual. Os cabos de ligação utilizados entre as saídas analógicas do SA7001 e a entrada do meu pré-amplificador Sonic Frontiers SFL-2 foram os Wire World Gold Eclipse, balanceados. Dado que as saídas do Marantz não são balanceadas, utilizei



## TESTE Marantz SA7001



dois adaptadores Neutrik que moram cá em casa e que adquiri propositamente para situações como esta.

Utilizei também, na alimentação, um cabo de corrente de minha construção e que tão bons resultados e provas me tem dado.

Numa segunda fase, as minhas Apogee foram substituídas pelas colunas Audio Physic Virgo, que vieram fazer-me uma visita e esperam ser objecto de um teste a realizar proximamente. As Virgo prestaram-se muito utilmente a dar uma mãozinha muito preciosa, como ajuda no teste do Marantz.

### Música

Fazendo jus à ideia generalizada que existe sobre os produtos da marca, o SA7001 demonstra o cuidado posto no seu projecto para garantir uma musicalidade que permite audições prolongadas e (muito) agradáveis. Nesse aspecto, apesar de, como seria de esperar, dados os preços em jogo, ser menos requintado e naturalmente ser jogador de um campeonato diferente daquele em que, todos sabemos, joga o Denon DCD SA1, o Marantz acaba por se revelar mais musical, mostrando-se também de uma forma mais evidente com emoções mais à flor da pele, em comparação com o Denon. Diremos que o Denon é um tanto ou quanto frio em comparação com o Marantz? Eu prefiro dizer que o 7001 assume uma sonoridade mais quente que o Denon.

Numa apreciação global da sonoridade do Marantz e pelo preço que custa, não me parece que haja aspectos fracos a apontar-lhe. Digamos que cumpre bem aquilo que dele se espera, sem grandes rasgos de génio nas suas qualidades, mas também

sem nunca desiludir. Em minha opinião, representa mesmo um grande equilíbrio de qualidades, muito interessante, uma vez que as características do som que produz estão, na generalidade, acima da média que é comum encontrar-se. De qualquer modo, há alguns pontos a assinalar.

Para começar pelos pontos mais fortes, e para além da musicalidade que já referi, e repito, saliento que a separação instrumental é uma das maiores qualidades do 7001, talvez mesmo a maior, em meu entender. É possível sentir corporizados os instrumentos musicais, assim como as

são cheias, acompanhadas de agudos um pouco discretos. A extensão de baixas frequências, por outro lado, permite que este Marantz rivalize com modelos de preços alguns furos acima.

Já que assinei os pontos fortes, talvez seja de referir a dinâmica como ponto menos conseguido no SA7001. Sem desiludir, repito, os transitórios deste Marantz não estarão ao nível de outras realizações, certamente bem mais caras ou com compromissos bem mais instáveis do ponto de vista de equilíbrio global de qualidades. Como resultado, as percussões os ataques das vozes não

## ... É possível sentir corporizados os instrumentos musicais, assim como as vozes, numa recriação muito interessante do palco sonoro de qualquer gravação.

vozes, numa recriação muito interessante do palco sonoro de qualquer gravação. Isto é verdade, independentemente de se tratar de Super Audio CD's ou de CD's normais. Aliás, não me pareceu que as diferenças entre ambos os formatos, no caso deste Marantz, sejam tais que façam quem quer que seja correr atrás do SACD, só porque se apregoa que é um formato de maior definição que o CD. Foi precisamente aí que me lembrei do que acima manifestei, na introdução ao teste.

Em termos de timbre dos instrumentos, o SA7001 reflecte o carácter musical da sua filosofia sonora, mostrando-se doce, sem contudo ser meloso. Revela uma tonalidade geral quente, que nos transporta para um ambiente iluminado com uma luz de tonalidade dourada e suave – as suas frequências médias

terão propriamente a capacidade de nos fazer cortar a respiração, mas creio que ao dizer isto estarei a mostrar-me demasiado exigente com aquilo que se pode exigir ao 7001.

Resumindo, pelo preço que custa, não tenho dúvidas que o Marantz é uma compra que representa um valor seguro do ponto de vista do prazer que se vai usufruir como retorno do investimento nele feito. É sem dúvida uma compra a considerar seriamente por quem procura uma boa fonte numa gama de preços abaixo dos mil euros e pretenda retirar dela o maior benefício possível pelo dinheiro investido.

Preço: 729,00 €

Representante: VideoAcústica

Tel.: 21 424 17 70

presentes desde o início



Na **FURUTECH** desde o início que pesquisamos e desenvolvemos productos que se transformam em soluções para a maioria dos problemas que os apreciadores de hi-fi encontram na procura do sistema perfeito. Continuaremos a desenvolver, e a aplicar materiais de qualidade superior com o objectivo de vincarmos a nossa filosofia "Pura Transmissão" que é no final o nosso valor.

**FURUTECH**  
PURA TRANSMISSÃO



kamikatsu@graiffi.net